

# US\$ 4,8 bilhões do Brasil. Parados no Bird.

As relações entre o Brasil e o Banco Mundial (Bird) estão ficando mais tensas, com contestações de parte a parte. O presidente José Sarney voltou a insistir ontem, no Suriname, nas críticas ao Bird. Em Washington, uma fonte da instituição disse que "não existe nenhuma má vontade em relação ao Brasil", mas confirmou ao correspondente **Moisés Robinovici** que o País não só mantém um total de US\$ 4,8 bilhões imobilizados no banco como está pagando por eles uma taxa de compromisso de 0,75% ao ano. Em 88, isso significou US\$ 30 milhões.

A informação da fonte do Bird foi retificada, em Nova York, pelo negociador da dívida brasileira, Sérgio Amaral, ao correspondente **Regis Nestrovski**. Ele retrucou: "Uma hora pedem que cortemos gastos e depois nos criticam. Ele se referia ao fato de que, como o governo brasileiro fez cortes em seu orçamento — para conter o déficit público —, os recursos de vários projetos financiados, em geral meio a meio, pelo governo brasileiro e pelo Bird acabaram prejudicados. Ou seja: os saques no Bird não puderam ser feitos, em vista dos cortes de recursos dos projetos, do lado brasileiro.

Amaral, que está negociando com os bancos credores a dívida brasileira disse também que "jamais o Tesouro americano ofereceu ao Brasil um empréstimo de US\$ 3 bilhões. Isso é brincadeira."

No Suriname, o presidente Sarney disse que o Bird se transformou em "auditor", "credor" e "disseminador de interesses políticos", em lugar de uma agência promotora de desenvolvimento (mais notícias da viagem na pág. 10). Perguntado se a atitude do banco levará o governo a decretar uma moratória, Sarney não respondeu.

"O Banco Mundial não pode ser transformado num bode expiatório", protestou a fonte da instituição, com o cuidado de explicar que não estava respondendo às críticas do presidente Sarney. Elas "devem ser respeitadas", embora tudo indique que "ele (Sarney) não esteja recebendo todas as informações necessárias", disse a fonte.

O Banco Mundial ainda tem, hoje, à disposição do Brasil, um depósito de US\$ 500 milhões numa conta especial do Banco Central, criada para canalizar os desembolsos de projetos aprovados. Entretanto, para sacar da conta de US\$ 4,8 bilhões, o Brasil precisa ter contrapartida, ou seja, os projetos comuns não podem sofrer interrupção. Os desembolsos acontecem enquanto os projetos vão se desenvolvendo, disse a fonte.

Hoje, existem "inúmeros obstáculos", segundo o funcionário do Bird. É por isso que o Brasil só retirou US\$ 1 bilhão de empréstimos do banco, de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1988, que foi um período no qual o País pagou US\$ 979 milhões do principal da dívida, mais US\$ 715 milhões de juros, o que dá um fluxo negativo de US\$ 694 milhões.

## Lentidão

Os novos empréstimos estão lentos também por causa do Brasil, segundo a mesma fonte.

"Temos aqui, por exemplo, um projeto de distribuição de água para o Paraná, no valor de US\$ 350 milhões. Mas ele não pode receber o sinal verde porque não se sabe se o governo paranaense poderá ou não assumir o empréstimo. Um outro aqui, de US\$ 275 milhões, para um projeto de saúde básica no Nordeste, parou por causa de uma confusão: é ou não prioritário para o governo brasileiro. Na verdade, precisamos da colaboração do Brasil para fazer o que queremos".

Um projeto de reforma da política comercial, de US\$ 300 a US\$ 500 milhões, enfrenta um curioso problema: desde que o Banco Mundial incluiu na equipe um funcionário do FMI, especializado em política alfandegária, o Brasil passou a adiá-lo, como se não o quisesse mais. A missão que iria ao Brasil analisar um outro projeto, o de administração de recursos naturais em Rondônia, de cerca de US\$ 200 milhões, cancelou a viagem três vezes, por causa de telegramas de último momento despachados do Brasil.

## Sector Elétrico

Só com o controvertido empréstimo para o setor elétrico, bloqueado desde que a Eletrobras absorveu a Nuclebrás, o Bird já gastou US\$ 2 milhões.

"Não fosse a decisão do governo brasileiro de passar a Nuclebrás para a Eletrobras, o projeto já estaria aprovado. Não há mais problema ambiental, do ponto de vista do banco."

O estudo de viabilidade econômica de Angra III, apresentado pelo Brasil ao banco, pecou por "falta de metodologia adequada e base de dados", explicou a fonte. "Mas não interrompemos as negociações. Estamos buscando soluções alternativas. Talvez uma delas seja a concessão de um empréstimo de nova natureza, para o mesmo setor."

O Banco Mundial tinha planejado aprovar um total de US\$ 2 bilhões de empréstimos ao Brasil (durante o ano fiscal que começou em 1º de julho de 1988 e termina em 30 de junho), incluindo três empréstimos de US\$ 500 milhões, um para o setor elétrico, outro para o setor financeiro e mais um para política comercial. Com atrasos provocados pela "operação desmonte" e Plano Verão, até agora só US\$ 134 milhões foram aprovados.

"A Secretaria do Planejamento quer controlar melhor o fluxo de recursos. Isso pode até ajudar no futuro, mas, por enquanto, está atrasando tudo", lamenta um funcionário do Bird. A mesma fonte concluiu:

"Fala-se muito dos US\$ 500 milhões do setor elétrico. Eles liberariam os US\$ 600 milhões dos bancos comerciais, a que estão vinculados, e outros US\$ 450 milhões do governo japonês. Mas não foi o Bird que propôs o vínculo".



Sérgio Amaral: "não dá para entender".

ABOENITINIA